

A economia brasileira em 2015 retraiu 3,8%, puxado especialmente pela retração de 6,2% no PIB industrial. Desde 1947, quando as contas nacionais começaram a ser apuradas, 2015 registrou a menor participação da indústria na formação do PIB nacional.

Outro fator que chama atenção no resultado das contas nacionais do ano passado é a queda de 14,1% na Formação Bruta de Capital Fixo (Investimento). Este é resultado da baixa utilização da capacidade de produção já instalada na economia em especial na indústria, que reduziu mais de 10 pontos percentuais em 2015, o que amplia a capacidade ociosa disponível para ser utilizada, juntamente com as condições econômicas desfavoráveis a realização de novos investimentos.

A expectativa para 2016 apontada pelo relatório Focus na segunda semana de maio é que o PIB indústria recue 5,6%, junto a uma retração de 3,8% do PIB nacional. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou em seu relatório trimestral no último mês de abril previsão de queda de 5% do PIB industrial, e retração de 3,1% da economia nacional.

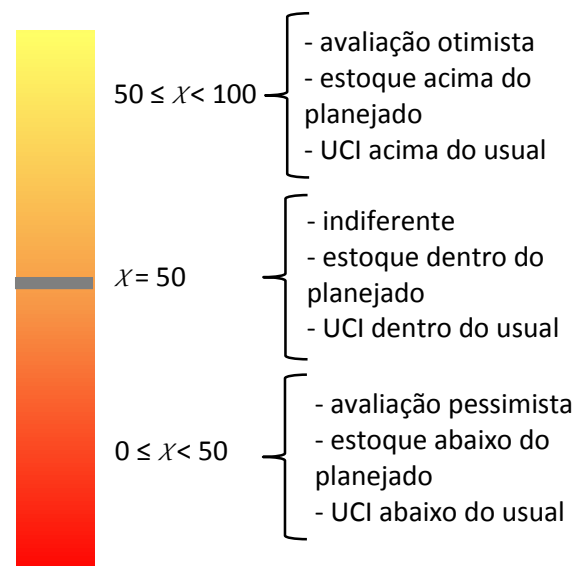
Ao menos no primeiro semestre deste ano, os dados captados pela Sondagem Industrial corroboram com as expectativas acima. As informações colhidas tanto a nível nacional como regional mostram um setor produtivo retraído. Tendo em vista o ambiente econômico e político atual, o Índice de Confiança do Setor Industrial (ICEI) não apresentou melhoras neste primeiro trimestre.

A Sondagem Industrial (SI) e o Índice de Confiança (ICEI) são elaborados e divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) desde 1998, sendo realizado em parceria com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

(FIESP) no estado paulista. A Universidade Metodista, por meio do Observatório Econômico, a partir do segundo semestre de 2015, vem realizando a análise conjuntural da indústria do Grande ABC, em parceria com a CNI e FIESP. A amostra estudada foi obtida por meio das informações das pesquisas de SI e ICEI, considerando a amostra específica para o GABC.

A pesquisa tem frequência mensal com respostas qualitativas, colhidas por meio de questionário enviado às empresas industriais pela CNI. O indicador para cada item questionado é formado a partir da ponderação pelas respectivas frequências relativas das respostas, que apresentam escores iguais a 0, 25, 50, 75 e 100.

Ao realizarmos a análise dos resultados da pesquisa, temos que considerar a seguinte regra, considerando o escore X :



Produção Industrial no Brasil tem o pior 1º trimestre desde 2003

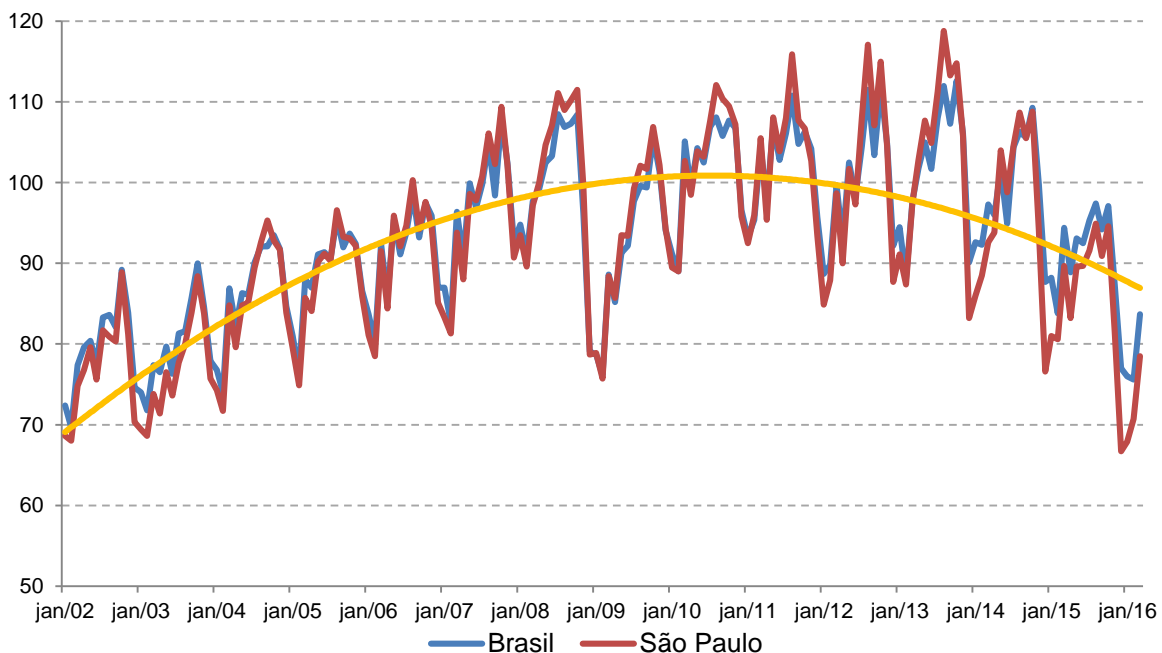
Após retração de 8,3% na produção em 2015, o primeiro trimestre de 2016 apresentou queda de 11,67%, comparado a igual período do ano passado segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. No primeiro trimestre de 2015 a redução foi de 5,6% em igual análise.

Em nível nacional, este é o segundo ano seguido em que o primeiro trimestre aponta queda na produção industrial.

No estado de São Paulo, este é o terceiro ano em que o primeiro trimestre apresenta queda no volume de produção industrial. Nos anos de 2016, 2015 e 2014 a queda na produção no período foi de -13,52%, -5,92% e -3,22% respectivamente.

A retração na atividade industrial do Estado de São Paulo, responsável por aproximadamente 29% do PIB industrial brasileiro, tem forte efeito sobre o resultado nacional.

Pesquisa sobre Produção Física Mensal na Industrial - IBGE



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal / IBGE

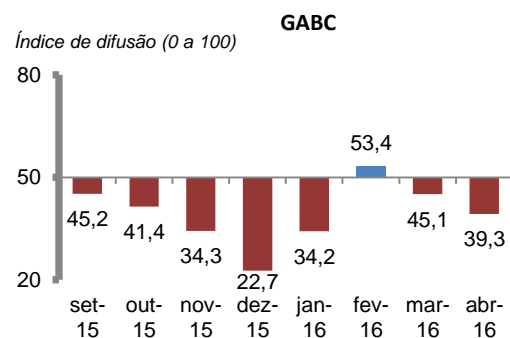
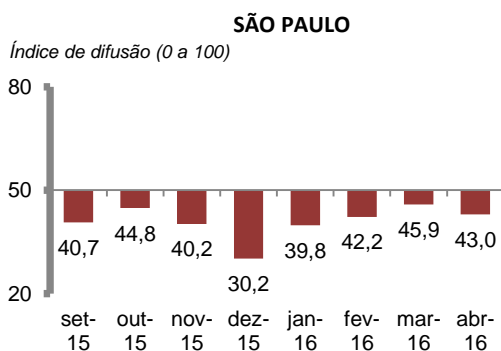
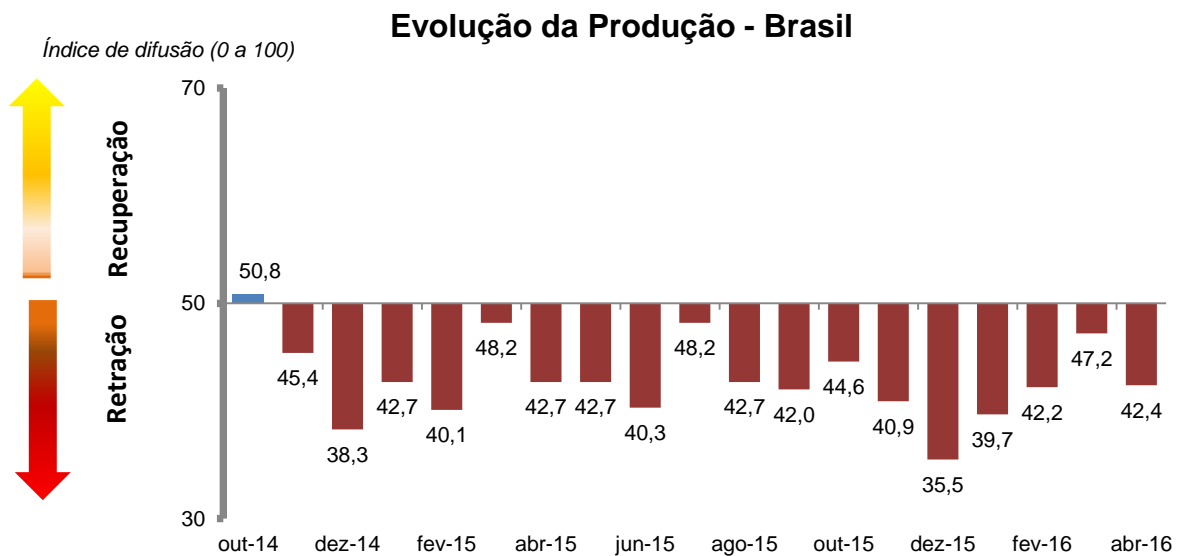
Sondagem Industrial – Região do Grande ABC

As empresas pesquisadas na região do Grande ABC são, em sua maioria, de grande e médio porte.

Os principais setores das empresas respondentes são: veículos automotores, metalurgia, produtos de metal e borracha.

O índice de evolução da produção das empresas da região do Grande ABC demonstrou uma avaliação negativa no primeiro trimestre de 2016, ainda que melhor do que o apurado no último trimestre de 2015, com especial atenção ao último mês de fevereiro. Esta dinâmica é esperada, dado que sazonalmente a atividade produtiva tende a ser menos intensa no final do ano, quando a atividade de comércio ganha força.

Este mesmo comportamento também foi observado no índice de evolução da produção junto às indústrias pesquisadas no Brasil, assim como no Sudeste e no estado de São Paulo. Ainda assim, o indicador aponta uma queda na produção em comparação ao mês anterior, tendo em vista que a pergunta a partir da qual o mesmo é montado pede para as empresas realizarem esta avaliação.



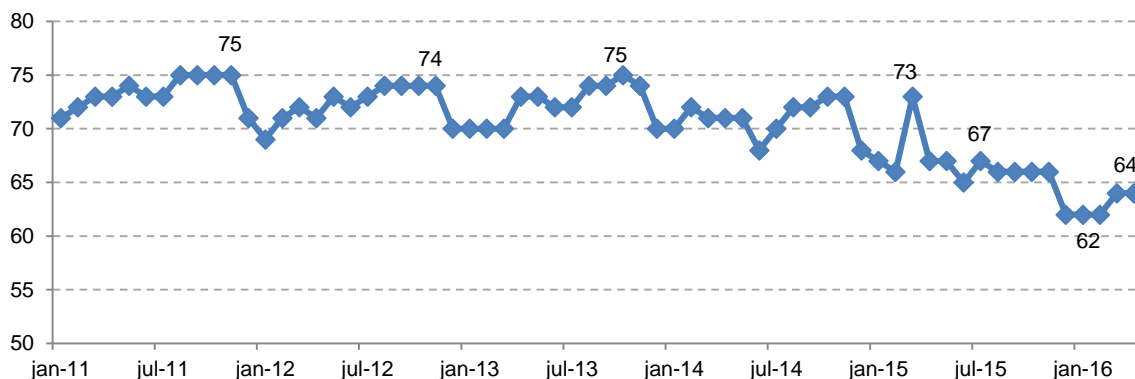
A pequena melhora no índice de evolução da produção refletiu em um leve aumento na Utilização da Capacidade Instalada (UCI) de 62% em dezembro de 2015 para 64% em março de 2016.

Entretanto, se comparado ao primeiro trimestre de 2015, a utilização da capacidade

instalada apresenta uma diminuição de mais de 6 pontos percentuais.

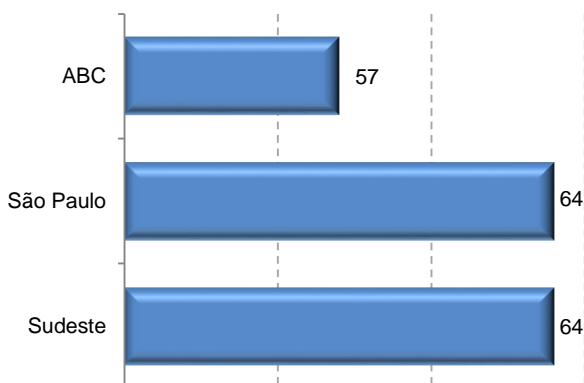
Mesmo com o leve aumento no início deste ano, é importante visualizarmos que a utilização da capacidade instalada vem diminuindo na indústria brasileira desde meados de 2014, conforme aponta o gráfico abaixo.

**Utilização de Capacidade Instalada
Brasil (em %)**



A Utilização da Capacidade Instalada também se mostra baixa nas regiões Sudestes e no estado de São Paulo.

**Utilização da Capacidade
Instalada - Abril/2016 (em %)**



Na região do GABC, o uso a capacidade instalada diminuiu de aproximadamente 61% entre os meses de setembro e novembro, para 54% no mês de fevereiro e 56% em março.

Esse dado reflete o ambiente de baixa atividade produtiva no setor e pela elevação do estoque efetivo e relação ao planejado. Uma das consequências desta conjuntura é a queda no nível de emprego, apontada pela elevação do índice de desemprego apurado pelo SEADE para a região, que voltou a registrar níveis acima de 16% da PEA.

O índice referente à evolução do número de empregados na indústria levantado pela Sondagem Industrial continua mostrando-se mais pessimista na

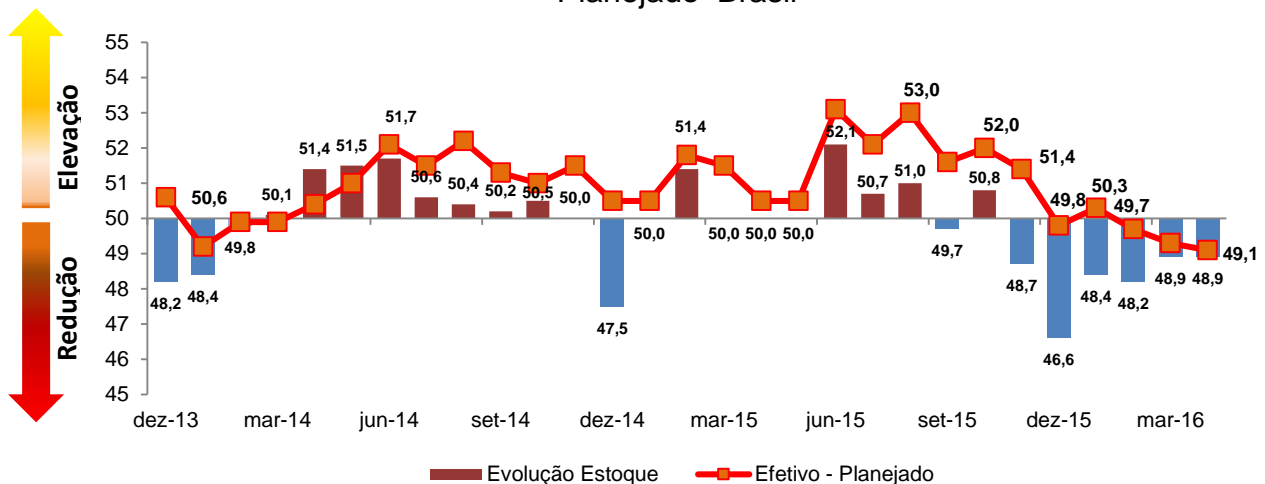
região do GABC, comparativamente ao estado de São Paulo e ao Brasil.

O indicador de estoque de produtos finais aponta uma redução dos estoques no primeiro trimestre de 2016 no Brasil e no estado de São Paulo. Com isso, houve uma redução do volume de estoque efetivo em relação ao planejado.

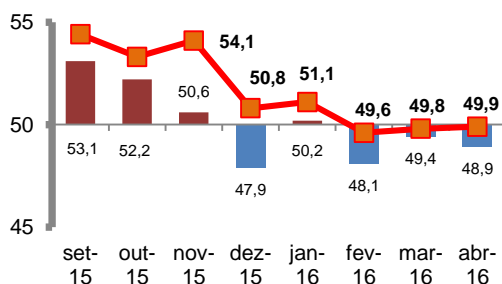
Combinado com a avaliação negativa da evolução da produção, isso indica maior volume de venda possibilitando a redução dos estoques.

Na região do GABC, a trajetória de aumento dos estoques no final de 2015 foi revertida em redução do estoque, interrompida apenas no mês de março. Entre setembro e novembro houve uma elevação dos estoques, com redução apenas em dezembro. Entretanto, ao mesmo tempo os empresários da indústria da região têm apontado um aumento dos estoques efetivos em relação aos estoques planejados, o que indica uma redução nas vendas planejadas e relação à produção.

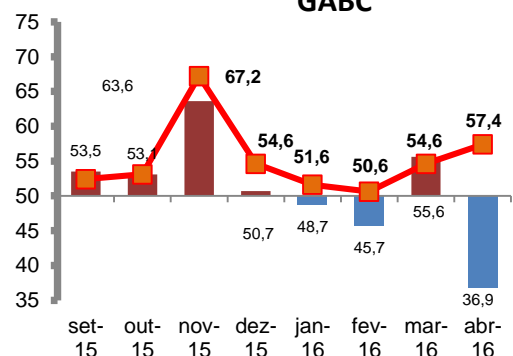
Evolução dos Estoques Efetivos e sua comparação com o Planejado Brasil



SÃO PAULO



GABC



Neste cenário, a intenção de investimentos para os próximos seis meses continua em baixa, permanecendo abaixo dos 40 pontos nos primeiros meses deste ano. O empresário do setor tem revelado diminuição na intenção de investimentos desde o início de 2015 no plano nacional.

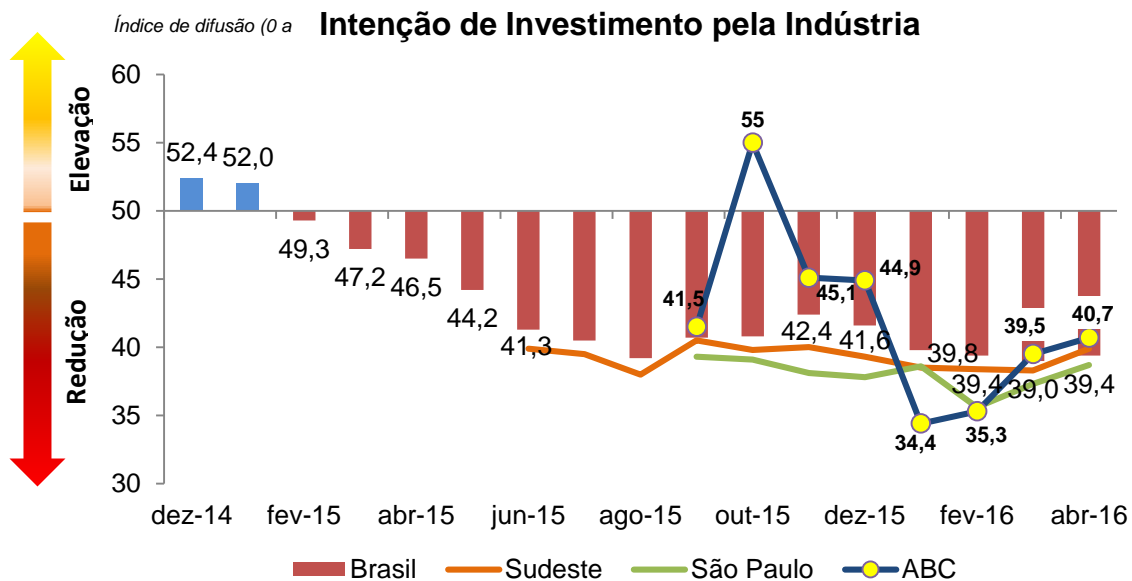
Na região Sudeste e no estado de São Paulo a intenção de investimento tem apresentado desempenho semelhante ao observado no plano nacional.

Entre outros fatores, este comportamento explica grande parte da redução de 14,1% na Formação Bruta de Capital Fixo da economia brasileira no passado. Caso persista a baixa disposição a investir ao longo de 2016, como

observado em seu primeiro trimestre, provavelmente registrar-se-á outra redução no volume de investimentos no Brasil.

Na região do Grande ABC o indicador de intenção de investimento caiu mais de 10 pontos neste primeiro trimestre de 2016, comparado ao último trimestre de 2015.

Entre outros fatores, a incerteza quanto aos rumos da economia, em especial com relação às diretrizes da política econômica, envolvidas no conturbado cenário político deste início de 2016, tem impactado negativamente a intenção de investimento do setor industrial, juntamente a atual baixa utilização da capacidade instalada no setor.



Os empresários do setor industrial continuam apontando perspectivas pessimistas para o setor industrial nos próximos seis meses. As avaliações deste neste primeiro trimestre referente à evolução da demanda, compra de matéria-prima e contratação de empregados apontam tendência de redução para os próximos meses.

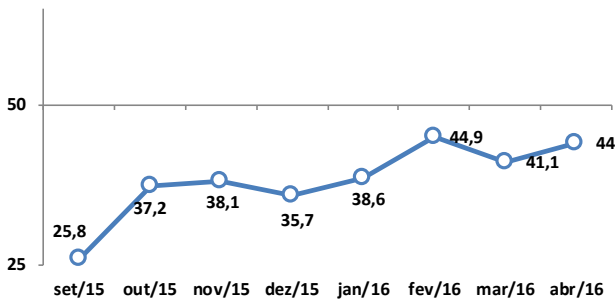
Assim como no plano nacional, na região, os empresários industriais da região sudeste e do estado de São Paulo também apontam perspectivas semelhantes, ainda que menos pessimistas que no último trimestre de 2015.

Ao avaliar os dados referentes à região do GABC, observamos uma redução do pessimismo quando à demanda interna no último trimestre de 2015. Comportamento semelhante ao observado nos cenários estadual ou nacional.

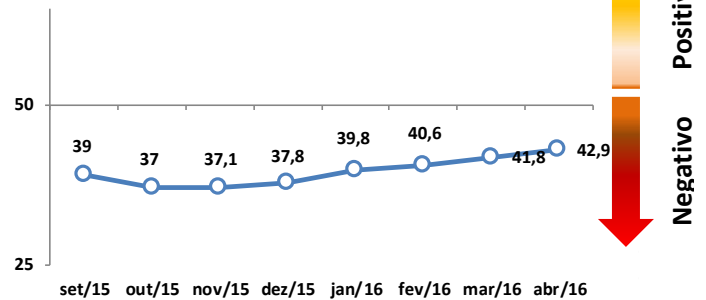
As perspectivas para a evolução da demanda, do número de empregos e o volume de compras de matéria-prima na indústria do GABC, apresentou leve melhora na avaliação dos empresários da região, que se mostraram menos pessimistas neste primeiro trimestre.

Região do GABC Perspectivas do Setor Industrial

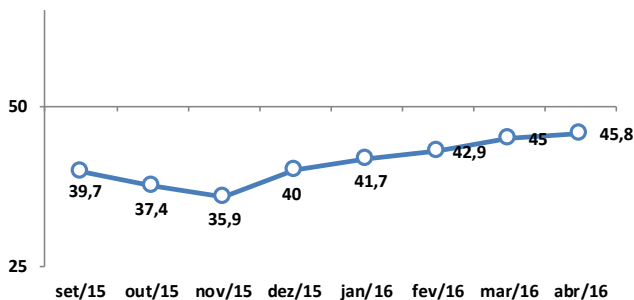
Evolução de Demanda



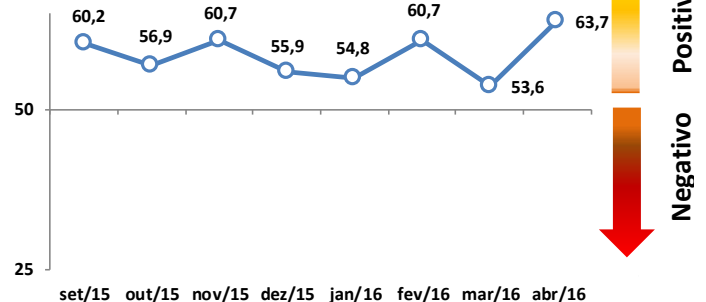
Evolução do número de empregos



Evolução das compras de matéria-prima



Evolução da quantidade exportada



As perspectivas para a evolução da quantidade exportada para os próximos seis meses têm apontado leve tendência de elevação na região do Grande ABC, o que difere da avaliação observada nos planos nacional e estadual. Nestes, embora os empresários apontem para uma perspectiva favorável quanto ao aumento das

exportações, este otimismo tem diminuído no primeiro trimestre de 2016.

A definição de uma política externa clara e a redução das flutuações cambiais observadas neste início de ano, com períodos de valorização do Real, podem surtir efeitos positivos sobre as exportações do setor industrial, e com isso melhorar as

perspectivas dos empresários quanto ao tema. Entretanto, no atual cenário brasileiro, outras questões estão na pauta de prioridades do governo, em especial a questão do equilíbrio fiscal.

Com relação à condição financeira das empresas do setor, a sondagem industrial aponta a permanência das condições empresariais referentes à margem de lucro, situação financeira e acesso ao crédito.

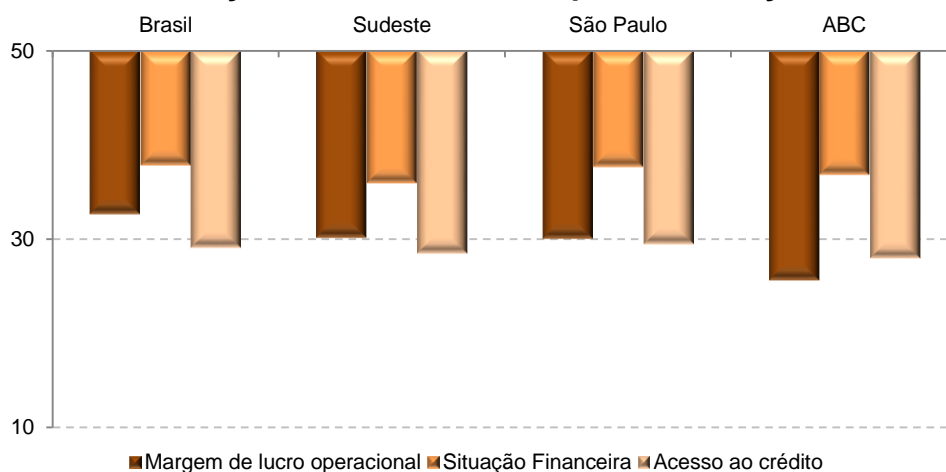
De um lado, a retração econômica e a respectiva redução no volume de demanda, impactam na redução de receita, ao mesmo tempo em que os custos de produção têm sofrido efeitos

do aumento de preços, como energia elétrica, transporte e outros.

Inevitavelmente, a redução da margem de lucro operacional reduz a expectativa de retorno, em um período de baixa utilização da capacidade instalada, o que diminui a necessidade de investimento nos próximos meses.

A política monetária restritiva também contribui para a condição financeira apontada pelas empresas ao promover a elevação no custo do financiamento, além de reduzir o volume de recursos disponível para crédito.

Condição Financeira das Empresas - março 2016

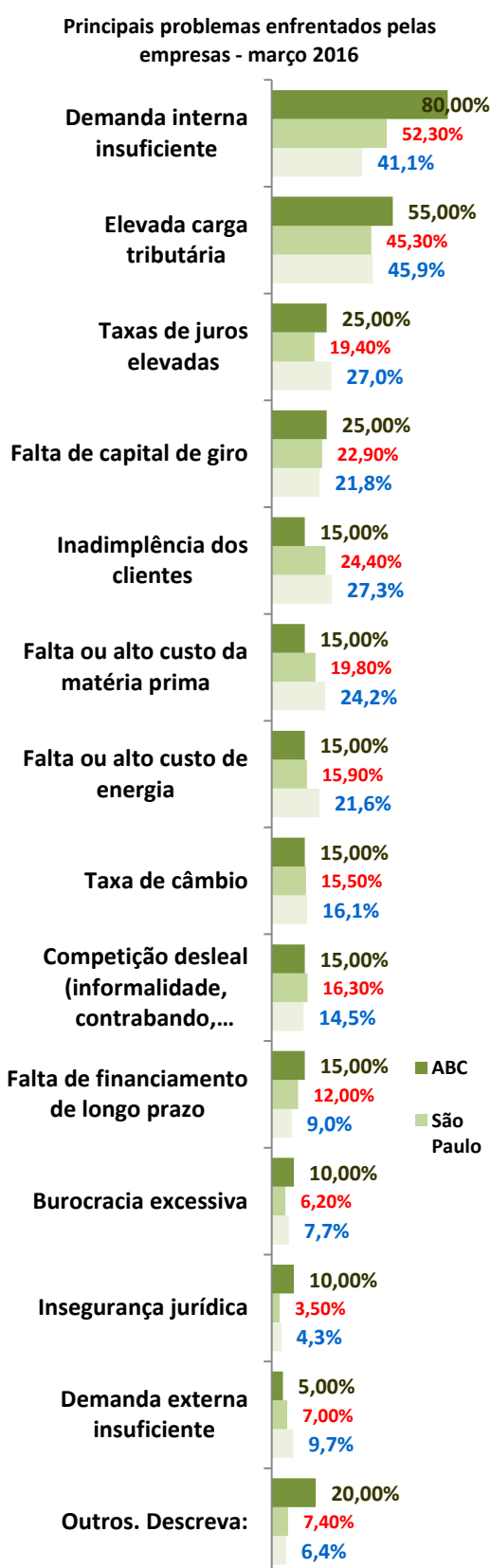


Ao comparar as condições financeiras das indústrias da região do GABC, neste primeiro trimestre de 2016 a sondagem industrial revela uma situação levemente menos favorável, segundo a avaliação dos gestores das empresas locais. Especialmente no que tange às condições de acesso ao crédito e à margem de lucro operacional.

Em grande parte, essa situação é reflexo da própria conjuntura econômica do país, que tem

afetado empresas de outros segmentos, que não só do ramo industrial.

As perspectivas de melhora da condição financeira das empresas estão atreladas a melhoria do volume de vendas, retomada da produção e geração de receitas. O principal desafio do governo neste ano está na consolidação das bases macroeconômicas que estimulem, ao menos em médio prazo, a retomada da atividade econômica do país.



Os principais problemas apontados pelas empresas da região do GABC que afetam suas operações no primeiro trimestre de 2016 foram a falta de demanda interna, a elevada carga tributária, taxa de juros e a falta de capital de giro, seguidos da inadimplência dos clientes e da falta ou alto custo da matéria prima e também da energia elétrica. Comparativamente ao último trimestre de 2015, as questões ligadas ao custo ou falta de energia elétrica deixaram de estar entre os 5 principais problemas apontados.

Em nível nacional e estadual, os principais problemas apontados são semelhantes aos pontuados pelos empresários do Grande ABC, com pequenas diferenças.

Em virtude da recessão interna, com redução no consumo das famílias, no consumo do governo e no fluxo de investimentos, o problema da falta de demanda interna tem afetado de forma intensa o setor industrial.

Com relação ao comércio exterior, a preocupação tem sido maior com a taxa de câmbio, do que com a falta de demanda externa. Atrelado às dificuldades financeiras pontuadas pelas empresas, nunca é demais ressaltar a já propalada observação de que se não houver uma taxa de câmbio que garanta competitividade a produção industrial e nem mecanismos de financiamento adequados ao mesmo, a competitividade da indústria brasileira ficará seriamente comprometida.

Para além das questões conjunturais, o setor industrial depara-se com problemas estruturais que afetam seu desempenho, como os problemas de infraestrutura, qualificação de mão de obra, cuja solução depende de planejamento e trabalho a longo prazo.

Indicadores de Confiança da Indústria

Na análise da composição do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da região do GABC, assim como no final de 2015, percebe-se que os empresários estão mais pessimistas em relação às condições atuais e expectativas futuras da economia, comparadas às expectativas apontadas no recorte para o Brasil e para o estado de São Paulo, que também são negativas.

No primeiro trimestre deste ano o ICEI geral mostrou-se estável no Brasil, bem como no estado

de São Paulo. Os fatores que mais tem influenciado a baixa confiança do empresário tem sido a avaliação sobre as condições atuais da economia e as expectativas futuras em relação à mesma.

Neste cenário, o empresário revela baixa confiança sobre as atuais condições empresa, com pequena melhora relacionada às expectativas sobre a mesma.

Indicador de Confiança da Indústria – abr./2016

	Brasil	Sudeste	São Paulo	GABC
ICEI	36,2	32,6	33,1	29,2
Indicador de Condições	27,3	24,5	25,6	25,4
Indicador de Expectativas	40,7	36,9	36,9	31,8
Condições da Economia	18,3	16,0	17,2	16,9
Condições da Empresa	31,9	28,9	20,0	29,6
Expectativas da Economia Brasileira	30,6	26,7	28,7	22,5
Expectativas da Empresa	46,0	42,4	41,0	36,5

No Grande ABC os empresários apresentaram uma pequena redução no índice de confiança, especialmente nos meses de janeiro, fevereiro e março, influenciada com maior intensidade pela avaliação das condições atuais da economia e relativas à expectativa sobre a mesma.

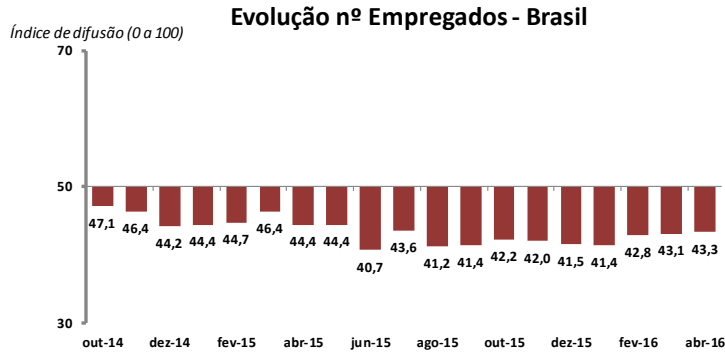
Está claro, a partir dos resultados apontados, pela sondagem industrial, que a melhoria do nível de confiança dos empresários do setor industrial depende especialmente da melhoria das condições da economia brasileira.

Certamente os empresários estão vigilantes quanto às mudanças que devem ocorrer na condução da política econômica nos próximos meses, com a nova equipe econômica.

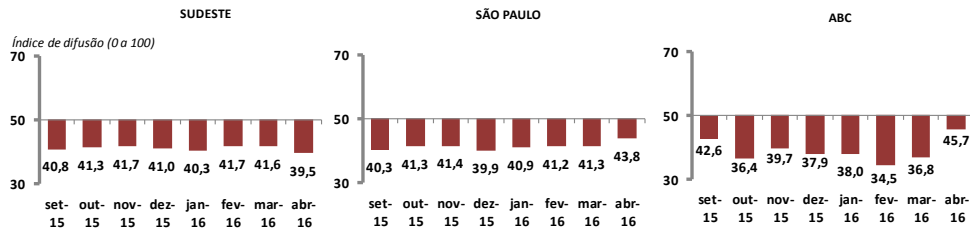
As avaliações referentes às condições da empresa foram menos pessimistas, embora tenham sido desfavoráveis, diante da retração da produção, da falta de demanda interna e da baixa expectativa de investimentos para os próximos períodos.

A avaliação dos empresários do grande ABC quanto às condições atuais da empresa apresentou poucas alterações. Entretanto, a expectativa quando às condições da empresa nos próximos seis meses pioraram, comparativamente a avaliação realizada no final de 2015. Muito provavelmente em função do conturbado período político do país. A definição da nova política econômica a ser implementada, bem como a definição de um novo horizonte político serão essenciais para a retomada da atividade do setor.

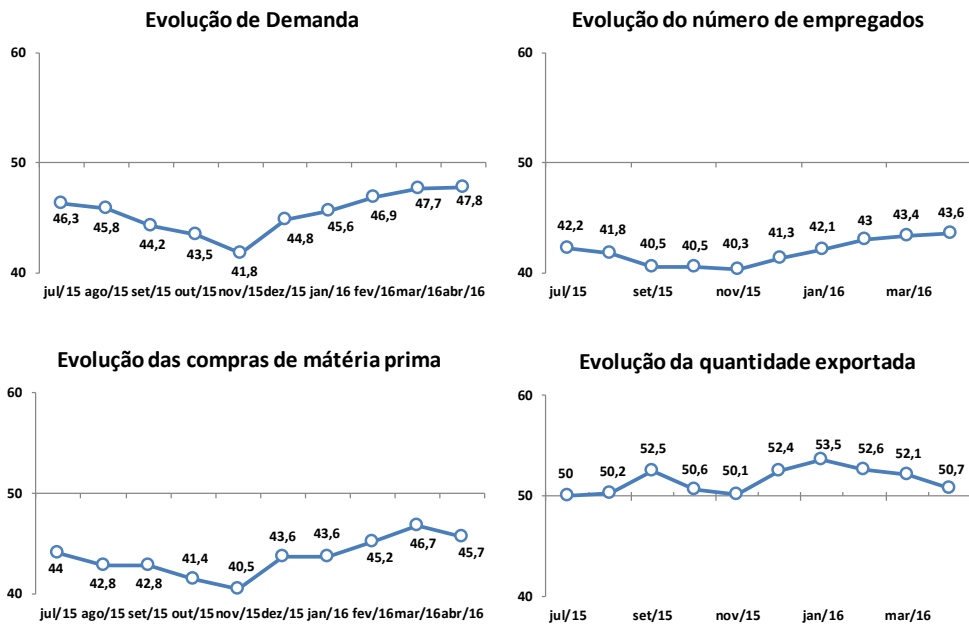
ANEXO



Evolução nº Empregados



BRASIL Perspectivas do Setor Industrial





Universidade Metodista de São Paulo

Escola de Gestão e Direito

Curso de Ciências Econômicas

Observatório Econômico

Reitor

Dr. Márcio de Moraes

Diretor da Escola de Gestão e Direito

Dr. Fúlvio Cristofoli

Coord. do Curso de Ciências Econômicas

Ma. Sílvia Cristina da Silva Okabayashi

Coordenador de Estudos

Me. Sandro Renato Maskio

Professor Pesquisador

Me. Moisés Pais dos Santos

Funcionária

Bruna Romualdo Teixeira

Estagiário

Lucas Sanson Bellot

[URL: http://www.metodista.br/observatorio-economico](http://www.metodista.br/observatorio-economico)



A serviço do desenvolvimento do Grande ABC.

Patrocine esta iniciativa!

E-mail: observatorio.economico@metodista.br

Tel: 4366-503